Feijão — notícias da primeira safra

Os preços estimulantes obtidos em 1996 poderiam ter provocado um impacto positivo maior na decisão de plantio para a primeira safra 1996/97. Entretanto, as dificuldades estruturais da lavoura mais uma vez limitaram a ação dos produtores rurais.

O último levantamento do IBGE para a primeira safra de 1996/97 aponta para uma área plantada praticamente igual à de 1996: cerca de 1,19 milhão de hectares, o que corresponde a uma variação negativa de apenas 1,3% em relação à área colhida no ano anterior.

No Paraná, principal estado produtor, os agricultores puderam auferir uma remuneração satisfatória em 1996. O período de plantio da primeira safra se estende dos meses de agosto a outubro e, como o sistema predominante de produção no estado é o de sequeiro, o resultado da safra é bastante condicionado pela presença de chuvas na época recomendada para a semeadura na região, e também pelo regime pluviométrico regular na fase vegetativa da lavoura.

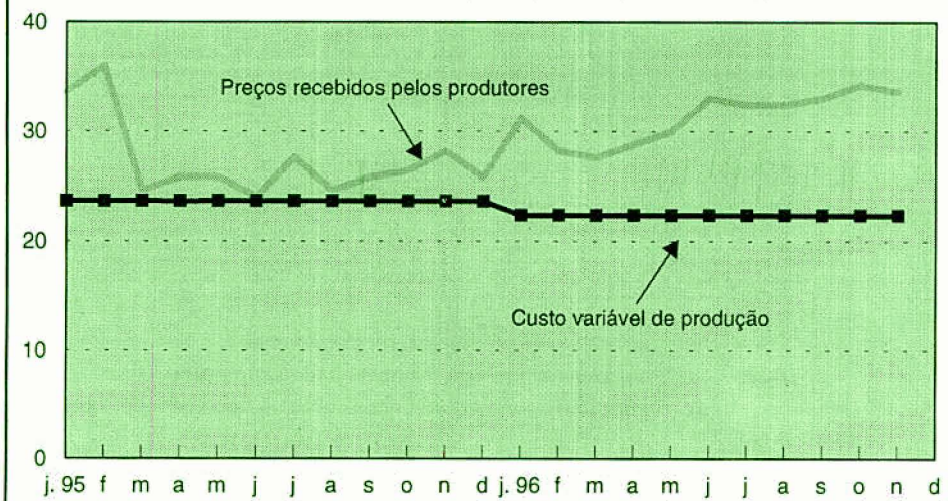
Será que o pequeno produtor de feijão simplesmente trocou de cultura, ou abandonou de vez a atividade rural, vendendo suas terras?

O gráfico permite avaliar o comportamento do mercado em relação aos custos variáveis de produção no estado do Paraná em 1995 e 1996. Enquanto em 1995 os preços recebidos pelos produtores mantiveram-se muito colados aos custos variáveis de produção, em 1996 essa margem se mostrou mais folgada, o que por si já seria um indicativo de que a área de plantio do feijão de cores em 1996/97 poderia de fato sofrer expansão naquele estado.

As próprias medidas de política agrícola anunciadas pelo governo fizeram supor que essa tendência poderia se confirmar. A criação do Proagro diferenciado para quem adotasse o zoneamento agrícola, reduzindo a taxa de 11,7% para 6,7% para a cultura do feijão, e o anúncio da liberação de recursos do Pronaf com juros de 9% ao ano para custeio (até R$5 mil) poderiam de fato favorecer o produtor rural. Na prática, entretanto, a situação foi diferente: o volume de recursos aplicados na época tradicional de plantio era pequeno e as liberações ocorriam de forma lenta e burocratizada. Dessa forma, o produtor de feijão, tradicionalmente arredio aos empréstimos oficiais, permaneceu distante dos bancos. Esse conjunto de fatos acabou por explicar uma área de plantio apenas convencional, apesar do estímulo dos preços. De acordo com dados do Deral, a área plantada deverá totalizar 485 mil hectares, área cerca de 4% menor que a do ano passado, quando foram cultivados 505 mil hectares. Ainda segundo essa instituição, o que se tem observado no estado é uma tendência à redução da área cultivada com feijão nos últimos 10 anos.

1996 foi um ano melhor

Paraná — feijão de cores — quadro comparativo entre custo de produção e preços recebidos pelos produtores — R$/saca de 60kg



Fonte: Centro de Estudos Agrícolas/ Ocepar.

Obs.: Os custos de produção foram considerados constantes durante cada ano apenas para melhor visualização. Os preços ao produtor foram corrigidos pelo IGP-DI para novembro de 1996.

Desamparo na produção rural

A despeito da curva descendente na área de cultivo no estado, a produtividade média subiu do patamar

médio de 600-800kg/ha para 800-900kg/ha nos últimos cinco anos, o que sugere que esteja ocorrendo uma seleção natural no conjunto da lavoura em adaptação às novas configurações do mercado. Em outras palavras, os produtores que não se viabilizam, por sua baixa produtividade, estariam deixando a atividade. Mas é difícil precisar se a tendência maior entre esses produtores é abandonar a atividade agrícola, vendendo suas terras, ou simplesmente mudar de cultura. A produtividade estadual pode estar crescendo também em virtude de alguns bolsões de tecnologia.

Um acompanhamento mais atento da dinâmica atual da lavoura seria de grande utilidade para a elaboração de políticas especiais para o setor. A entrada de produtores rurais mais profissionalizados na atividade aliada à oferta de produto bom e barato do Mercosul têm pressionado os produtores mais fragilizados em todas as regiões produtoras do Brasil. É bom que o governo se dê conta disso, a fim de amparar a pequena produção, que apesar de tudo ainda é responsável por importante parcela da oferta de alimentos básicos no país.

Para a primeira safra paranaense esperava-se que o rendimento médio pudesse alcançar 900kg/ha. Entretanto, devido a excesso de chuvas, baixa luminosidade e alta incidência de doenças, a floração das lavouras foi prejudicada, ocasionando quebra na produtividade e prejuízos que somente mais tarde poderão ser mais bem avaliados.

Tanto em Santa Catarina quanto no Paraná, os preços do feijão-preto em meses recentes mantiveram-se pouco atraentes para o produtor. No Paraná, principal estado produtor dessa variedade, os preços pouco estimulantes ocasionaram redução na área plantada. Com isso, é provável que os preços do feijão-carioca sejam pressionados para baixo com a intensificação da colheita, enquanto os do feijão-preto se mantêm firmes devido à menor oferta.

A área de plantio em Santa Catarina deverá crescer ligeiramente em comparação à de 1996, alcançando 234 mil hectares.

ELIANA CONDE BARROSO LEITE VIGLIO

RAÇÕES

Espaço para crescer

Embora a Associação Nacional dos Fabricantes de Rações (Anfar) ainda não tenha os números definitivos relativos à produção brasileira de rações industriais durante o ano de 1996, seu total não deverá diferir substancialmente das 23,8 milhões de toneladas obtidas em 1995. O motivo dessa imobilidade reside, sem sombra de dúvida, no desempenho avícola no ano passado. O que saltou aos olhos nesse panorama de imobilidade, porém, foi o resultado alvissareiro apresentado pelo nicho dos alimentos para animais de estimação, cuja produção cresceu 18% em relação à de 1995.

O setor de proteínas animais tradicionalmente dá o tom no mercado de rações, por absorver pouco mais de 60% do total desses alimentos. Portanto, uma vez que a produção comercial tanto de aves de corte, quanto de ovos, em 1996, foi idêntica à do ano anterior, ter-se-ia repetido o consumo de rações dirigidas às aves de 1995 — quase 15 milhões de toneladas. Já na suinocultura, o quadro foi um pouco diferente, pois a produção comercial de carne de porco cresceu 5% em 1996. No entanto, como o consumo de rações por parte desses animais não costuma ultrapassar 30% do total, o impacto da maior produção dessa carne sobre a demanda total de rações não passou de um acréscimo de 1,5%.

Mas o que saltou aos olhos nesse panorama de imobilidade foi o resultado alvissareiro apresentado pelo nicho dos alimentos para animais de estimação, cuja produção cresceu 18% sobre a de 1995.

A chamada *pet food*, rações para cães e gatos, de representatividade praticamente inexistente até 1994, era até então incluída na rubrica "Outros" nas tabelas da Anfar. No volume total de rações comerciais, a participação desse coletivo costumava ser muito pequena — entre 1990 e 1993 foi somente de 2,9%. A partir de 1994, porém, o crescimento das vendas específicas do segmento *pet* justificou que fosse destacado daquela rubrica, com a participação alcançando 1% do total de rações. Já no exercício seguinte, ela saltava para 1,6%. A solidificação desse novo subsetor aconteceu em 1996, quando a produção alcançou 450 mil toneladas, passando a representar 1,7% da produção total brasileira de rações, quase o dobro do observado em 1994.